

**3o. Colóquio do Grupo de Pesquisa Literatura e Tempo Presente**  
**28 de agosto a 01 de setembro de 2017**  
**UFSCar/Auditório da UEIM/Prédio do CECH/Área sul/São Carlos**

**28 de agosto de 2017 - segunda**

14:00-17:00h Minicurso 1

Auditório da UEIM

LITERATURA E FOTOGRAFIA: ALIANÇAS

Renan Augusto Ferreira Bolognin (PPGEL/UNESP)

Em 1892, o escritor belga Georges Rodenbach publica *Bruges-la-Morte* o primeiro romance (de que se tem notícia) no qual a aliança com a fotografia é perceptível. A partir disso, alguns/mas autores/as também teceram tais alianças. Evidentemente, cada qual com intuítos diversos e influências estéticas e literárias às quais tentavam aproximar-se ou distanciar-se. *Nadja*, de André Bréton, por exemplo, foi central para a estética surrealista quando publicado em 1928, segundo Susan Sontag (2004). Curiosamente, ao longo das décadas o autor suprimiu/acrescentou algumas fotos do romance que lhe pareciam mais convincentes a partir de seu ponto de vista estético. Com o passar dos anos, nota-se um adensamento dessa aliança em autores de outros países, como na Argentina com Júlio Córdazar em *Último round* (1969); na Alemanha com *Austerlitz* (2008), de Winfried Georg Sebald; na França com *Histórias reais* (2002), de Sophie Calle; e, obviamente, no Brasil com *Nove Noites* (2001), de Bernardo Carvalho; *Rememorações da menina de rua morta nua* (2006), de Valêncio Xavier; *Opsanie Swiata* (2013), de Veronica Stigger; *Divórcio* (2013), de Ricardo Lísias, entre outros. Tendo em vista a amplitude proporcionada por essa discussão no mundo da letras, seja pelos inúmeros autores e obras, seja pelos períodos históricos contemplados por esta relação, este minicurso tem por objetivo apresentar um panorama a respeito dessa aliança com uma fluidez temática/interpretativa subjacente que será mobilizada pelo público e abordada a partir de fragmentos das respectivas obras. Para levar a cabo estas análises, haverá uma apresentação breve desta aliança a partir do conceito inespecífico, de Florencia Garramuño (2014), com vistas a introduzir às/aos participantes uma discussão crítica em voga conveniente ao assunto. No mais, este minicurso também oferecerá indutivamente discussões que vão na contramão da apresentação da escrita como proveniente da letra, pois há também como “escrever com a luz”. Ao final do minicurso, pretende-se: i. proporcionar à/ao participante a tessitura de relações panorâmicas iniciais a respeito de dita aliança, bem como de sua importância; ii. analisar/construir coletivamente os significados imputados por ela

Palavras-chave: Literatura; Fotografias; Inespecificidade.

**29 de agosto de 2017 - terça**

14:00 - 17:00h Minicurso 2

Auditório da UEIM

# HISTÓRIA DA DISTOPIA E SUAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS: DA LITERATURA DE FICÇÃO CIENTÍFICA À CULTURA POPULAR CONTEMPORÂNEA

Gabriela Bruschini Grecca (PPGEL - UNESP)

Este minicurso buscará discutir a história da literatura de distopia, a qual, apesar de mais conhecida em sua forma moderna, nas obras *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *1984*, de George Orwell, possui raízes ainda mais longínquas. A primeira delas se encontra na filosofia, podendo ser compreendida como uma contradição desenvolvida a partir de uma ideia original: a utopia, presente desde a *República* de Platão. Conforme o desejo utópico entra em conflito com o meio social, principalmente após as consequências trazidas pela Revolução Industrial, traços do pensamento distópico passam a ser identificados de Marx e Freud à filosofia política de Gilles Deleuze. A segunda raiz, concomitante e em dialética com a primeira, é a literária, cuja forma embrionária, por sua vez, remonta à ficção científica de H. G. Wells. Ambas serão trazidas a fim de estabelecer um percurso da distopia e, posteriormente, identificar sua presença na literatura do século XX, observando a estrutura de obras como as já mencionadas, de Huxley e Orwell, e suas contemporâneas: *Laranja Mecânica*, *Fahrenheit 451*, entre outras. Por fim, a atualidade da distopia será debatida a partir da exploração de novas obras e séries que a têm trazido como parte de sua estrutura, como *Black Mirror* e *O Conto da Aia*.

**30 de agosto de 2017- quarta**

Auditório da UEIM

9:00- 9:30h ABERTURA

9:30 -11:00h - Mesa redonda: Edições de livro e tempo presente  
Mediação Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar)

*El trabajo con la coyuntura: prácticas editoriales para la “intuición de la demanda” y la contratación de autores*

Prof. Dr. Ezequiel Saferstein (UBA)

En esta presentación se analiza la producción editorial de libros de coyuntura en los conglomerados globales de la edición en Argentina. Las transformaciones recientes del mercado editorial llevaron a que los editores tengan el imperativo de publicar y vender libros, cuya mayoría son novedades que tienen un ciclo corto de producción. Así, estos agentes se conforman como editores de tendencias y de autores que se construyen como “marca”. En primer lugar, en el proceso de identificación de temáticas para publicar entran en tensión mecanismos opacos de “inspiración” o “intuición” creativa, con la lógica empresarial que busca transparentar mecanismos de producción de un éxito de ventas. En segundo lugar, en el momento de selección de autores para los libros, los editores también realizan una operación creativa, al resignificar las trayectorias, los

capitales y los posicionamientos de los potenciales escritores dentro del campo cultural. Tanto la selección de temas y como la de los autores constituyen los ejes de las prácticas editoriales de los grandes grupos que funcionan en Argentina en la actualidad. Llevar adelante estas prácticas en el marco de una gran empresa expresa tensiones sobre agentes que deben adecuarse a un ritmo de trabajo que los excede, cuestión que implica regulaciones en distintos niveles de la práctica profesional y personal.

*A edição como ficção: duas distopias literárias sobre as tendências da produção de livros no mundo contemporâneo*

Prof. Dr. Jose de Souza Muniz Junior (UECE)

Vários autores, em contextos muito diversos, têm interpretado as atuais mudanças do mercado editorial global a partir de dois fenômenos paralelos: a internacionalização/concentração das estruturas de propriedade do setor e o impacto das novas tecnologias em seu funcionamento. Para alguns desses autores, ambas tendências apontam para o progressivo fim do mercado editorial, do livro e até mesmo da literatura tal como os conhecemos. Analiso, aqui, duas obras ficcionais que, em meados dos anos 2000, momento de grande inquietação intelectual sobre tais fenômenos, imaginaram futuros distópicos para esse universo de práticas letradas. A primeira é *Ser feliz*, do canadense Will Ferguson, originalmente lançada como *Hapyness* em 2002 e publicada no Brasil em 2003. A segunda é *A curiosa história do editor partido ao meio na era dos robôs escritores*, do espanhol José Luís Saorín, publicada originalmente em 2004 com o título *Fusiones, confusiones e infusiones* e lançada no Brasil no ano seguinte. Nosso interrogante comum para a análise e o contraste dessas obras é o seguinte: mais de uma década depois do lançamento dessas obras, como elas recriam (e suscitam reflexões sobre) um mercado editorial meio real, meio inventado a que o editor franco-estadunidense André Schiffrin denominou "a edição sem editores"?

intervalo

11:30-12:30: Conferência:

Conferência: *21 anos do livro Gavetas Vazias*

Profa. Emérita Tânia Pellegrini (UFSCar)

A conversa sobre *Gavetas vazias Ficção e política nos anos 70* tentará mostrar como e porque o livro é a configuração das preocupações que circulavam na sociedade, ou em parte dela, já no final da ditadura militar, quando ele foi escrito. Nesse sentido, pretendo contar como foi escolhido o tema, como, a partir dele, organizou-se a metodologia de pesquisa, por meio da qual encontrei os autores estudados e a linha teórica que me pareceu mais conforme aos meus próprios desejos e convicções.

Mediação Profa. Dra. Rejane C. Rocha

12:30-14:00h almoço

14:00-15:30 - Mesa redonda: Ficção e tempo presente

Mediação: Profa. Dra. Juliana Santini

*Fragmentos da memória em meio ao caos urbano: um olhar sobre o romance Passageiro do fim do dia (2010) de Rubens Figueiredo*

Profa. Dra. Ana Lucia Trevisan (Universidade Presbiteriana Mackenzie)

Este trabalho estuda o romance *Passageiro do fim do dia* (2010) de Rubens Figueiredo a fim de perceber o universo urbano como o grande protagonista do enredo. A construção minimalista da cidade, que emerge em suas muitas faces durante o trajeto de uma viagem de ônibus, permite uma reflexão sobre o sujeito contemporâneo e as paisagens do subúrbio. A viagem de ônibus, que deveria ser retilínea, torna-se tortuosa, assim como a narrativa. Cada história da vida do narrador se transforma em mais um atalho, semelhante aos imprevistos que se impõe durante a viagem de ônibus. A ideia de que o destino é tecido nos caminhos da paisagem vai se configurando a cada página, bem como os quadros da memória, que configuram o tecido da vida de sujeitos anônimos, moradores à margem dos centros, inseridos em condições perenes de violência e de impotência.

*Sinfonia para ruína e solidão: política e ideologia em O manual dos inquisidores, de António Lobo Antunes*

Prof. Dr. Márcio Scheel (UNESP - São José do Rio Preto)

*O Manual dos inquisidores* (1998), décimo primeiro romance do escritor português António Lobo Antunes, flagra os conflitos políticos e ideológicos que, sob muitos aspectos, caracterizam a história de Portugal desde a ascensão de Salazar ao poder até a Revolução dos Cravos, em abril de 1975, que pôs fim à uma ditadura de quarenta anos. Partindo de algumas ideias de Lukács, em “O romance como epopeia burguesa” (2011), proponho refletir sobre o modo como as ações (sejam elas atos concretos dos indivíduos, sejam especulações de suas consciências tumultuadas) figuram os conflitos políticos e ideológicos que o salazarismo produziu no interior da sociedade portuguesa. Se, para Lukács, o romance burguês acaba agenciado e ideologicamente orientado pela natureza degradada da vida na sociedade burguesa industrial, numa posição crítica bastante reativa à forma representacional do romance, é preciso considerar, indo além da perspectiva lukacsiana, que o romance também pode significar um cisma em relação às ideologias sociais ou políticas dominantes, configurando-se como uma forma de ler, a contrapelo, as contradições do homem diante do mundo social que o abriga. Por isso mesmo, as considerações de Irvin Howe, em *A política e o romance* (1998), são úteis caso queiramos compreender as nuances a partir das quais a forma romanesca pode dizer a política e a ideologia sem se reduzir a bastião das forças mais ou menos alienadoras que atuam no mundo social, como sugere, muitas vezes, o próprio Lukács. Se o romance de António Lobo Antunes tem como núcleo central a decadência moral e financeira de uma família influente sob os auspícios do salazarismo, então é preciso compreender como os membros da família vivenciam, no plano da consciência e por intermédio dos diferentes monólogos interiores que constituem a narrativa, a questão da ideologia (ADORNO, 1973; KONDER, 2002; MANNHEIM, 1976), bem como o fato de que a vida cotidiana não pode se furtar aos movimentos da história (HELLER, 1989). Assim, a figuração, no plano da consciência, das tensões políticas e ideológicas da época se dá em função de uma narrativa poética, cuja natureza imagética da

representação implica a recusa da teleologia, da pretensa objetividade e do caráter totalizante de um realismo mais ou menos mimético, permitindo que essas mesmas tensões aflorem de subjetividades complexas e tragicamente fraturadas, tal como a fragmentação da própria narrativa, pela ação corrosiva do tempo.

intervalo

16-18:00 - mesas de comunicação dos pesquisadores vinculados ao Grupo de Pesquisa  
intervalo

19:30 - *Escritoras no tempo presente*

Mesa com as escritoras Micheline Verunschek e Andrea Del Fuego

### **31 de agosto - quinta**

14:00 - 17:00 Minicurso 3

Auditório da UEIM

A RECEPÇÃO DA PERFORMANCE: REPRESENTAÇÕES MODERNAS DO MUNDO CLÁSSICO

PROF. DR. MARCO AURÉLIO RODRIGUES (UNESP-PNPD/CAPES)

O presente minicurso propõe uma reflexão que observa como o universo clássico permanece expressivo em nossos dias, a partir da análise das representações de duas atuais peças pós-dramáticas: *Antígona*, de Sófocles, e a produção de Amir Haddad e Andréa Beltrão (2017), e *Medeia*, de Eurípidés, e a montagem *Mata Teu Pai* de Grace Passô (2016-2017). Para tanto, a partir da perspectiva teórica proposta por Edith Hall para a chamada “Recepção da performance”, com base nas montagens antigas e modernas, serão discutidos os seguintes elementos: *translation* (tradução), *body* (corpo), *mimesis* (mimese), *memory* (memória), *psyche* (psique), *contingency* (contingência), *temporal orientation* (orientação temporal) e *political potency* (potência política).

01 de setembro - sexta

14:00 - 17:00 Minicurso 4

Auditório da UEIM

CONTRADIÇÕES DO CONTEMPORÂNEO: O UNIVERSAL E O NACIONAL EM *O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO* E *DIÁRIO DA QUEDA*

Profa. Dra. Gisele Novaes Frighetto (Dtlc – Usp)

Este trabalho propõe a análise dos temas do nacional e do universal em dois romances brasileiros contemporâneos, *O sol se põe em São Paulo* (2007), de Bernardo Carvalho, e *Diário da queda* (2011), de Michel Laub. O estudo dessas narrativas contemplou a abordagem do pós-modernismo enquanto tendência cultural ainda atual, abordado pelo viés da contradição. Essa característica é explicitada na “presença do passado” ensejada

na forma de paródia (HUTCHEON, 2004) de textos e estilos literários. Na prosa brasileira recente, destacamos a permanência do realismo, que pode corresponder seja a um resgate formal, seja ao imperativo da representação de um “mundo hostil” (PELLEGRINI, 2009). Nos romances, a sua persistência refratada contribui para a composição de narrativas onde convivem tendências conflitantes, sintetizadas nos conceitos de realismo afetivo e realismo traumático (SCHØLLHAMMER, 2012; 2013). A aclimação de um pós-modernismo em contexto brasileiro exige uma abordagem diferencial (COUTINHO, 2003), na qual consideramos como resquícios do passado literário têm sua permanência acentuada pelo atraso socioeconômico e cultural (CANDIDO, 2011). Outra constante são as construções transculturais de identidades e narrativas literárias (RAMA, 1984), afinal, ambos os romances tematizam o resgate da memória de imigrantes. Por fim, analisamos como as condições de atraso da sociedade brasileira condicionaram uma produção pautada em modelos estrangeiros que almeja ao universal e à projeção internacional (SCHWARZ, 2006; 2012). Nos romances analisados, entretanto, a despeito do protagonismo de temas e de uma intertextualidade transnacional, o nacional ainda emerge pela representação secundária de aspectos materiais, particularmente relacionados ao subdesenvolvimento, percebidos aqui como índices possíveis de brasilidade.

Palavras-chave: romance, pós-modernismo, nacional, universal, transculturação.